

Paula Gorenstein Dedecca

Arquiteta, doutorado (em andamento) pela FAUUSP, área de concentração História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Rua do Lago, 876, São Paulo, SP, Brasil, CEP 05508-080, +55 (11) 3091-4795, pauladedecca@gmail.com

Resumo

O exercício de traçar o percurso biográfico de João Batista Vilanova Artigas entremeadado às Instituições em que atua ao longo de sua história profissional foi realizado apenas parcialmente pela historiografia dedicada ao arquiteto, que se focou majoritariamente na compreensão das esferas projetual e crítica de sua prática. Este artigo se concentra na atuação do arquiteto no departamento paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil, buscando entender a relevância de tal inserção institucional para a compreensão de sua trajetória profissional.

Palavras-chave: história da arquitetura - São Paulo, João Batista Vilanova Artigas, Instituto de Arquitetos do Brasil.

O exercício de traçar o percurso biográfico de João Batista Vilanova Artigas entremeadado às Instituições em que atua ao longo de sua trajetória profissional foi realizado apenas parcialmente pela historiografia dedicada ao arquiteto, que se concentrou majoritariamente na discussão das esferas projetual e crítica de sua prática. Buscando contribuir para este propósito, este artigo é dividido em duas partes. A primeira, procura trazer elementos para o entendimento da inserção institucional múltipla como padrão de posicionamento de determinados arquitetos no meio profissional paulista a partir dos anos de 1940, movimento que de maneira clara se revela na trajetória de Artigas. A segunda, pretende apresentar, de maneira breve, os lugares ocupados por ele no departamento paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-SP), buscando pontuar as possíveis contribuições de um estudo mais aprofundado sobre tal atuação para a leitura do percurso profissional do arquiteto.

Uma inserção institucional múltipla

É chave para compreensão do meio profissional paulista dos anos de 1940 e 1950, sua análise a partir da criação e consolidação de espaços institucionais pautados pelo ideário de uma prática autônoma e moderna da arquitetura. Mais do que isso, o engajamento de determinados indivíduos em diversas destas entidades pode ser entendido como um padrão de atuação característico do sistema arquitetônico da cidade nestes anos e, neste sentido, a trajetória de Vilanova Artigas é exemplar de tal modo de inserção profissional.

Em São Paulo, novas redes de contato, espaços de profissionalização e movimentações críticas se intensificam no meio arquitetônico a partir da década de 1940, em um nítido momento de tensão pela definição dos limites e qualificações da atuação do arquiteto na cidade. A sociabilidade que se intensificava ao longo desses anos estava

atrelada, por um lado, à disposição pela redefinição da prática profissional, pela distinção em relação aos antigos modos de atuação e pela adoção da atividade liberal exclusiva de projetista, e, por outro, ao alinhamento mais coletivo a uma nova opção estética, programática e social para a arquitetura, com importante mobilização do referencial moderno (DURAND, 1972; FICHER, 2005; SILVA, 2010a).

Nesse meio em disputa, a formação e reorientação de instituições, assim como a sua escolha como espaço central de sociabilidade e discussão, foi uma das tomadas de posição mais incisivas de alguns arquitetos que se posicionaram no embate local travado pela renovação arquitetônica. Ainda que não sem conflitos, estas entidades foram capazes de reunir contestações dispares e trajetórias profissionais diversas, provavelmente pela vontade compartilhada de elaborar conjuntamente uma definição de sua prática e uma nova concepção coletiva de arquitetura capaz de disputar sua legitimidade no meio intra e extra disciplinar (DEDECCA, 2012).

Uma breve lista nos permite perceber a variedade de espaços institucionais que contaram com a presença de arquitetos ao longo destes anos. De um lado, Biblioteca Municipal, galerias de arte, Museu de Arte Moderna (MAM), Museu de Arte de São Paulo (MASP), institutos de intercâmbio cultural (como a Aliança Francesa ou a União Cultural Brasil Estados Unidos), compunham uma singular cena cultural na recente metrópole, onde a presença dos arquitetos é variada e significativa (HERBST JUNIOR, 2007; LOURENÇO, 1999; MOTTA, 2003; NASCIMENTO, 2003). A partir de seus espaços de formação e informação, de debates formais e reuniões informais, um grupo de arquitetos se afasta aos poucos do meio politécnico, aproximando-se do artístico e conquistando maior autonomia para seu meio de sociabilidade profissional (SAIA, 1959). De outro, o ramo da imprensa periódica especializada – podemos citar revistas como *Acrópole*, *Habitat*, *Bem Estar*, *AD- Arquitetura e Decoração* – ganhava peso importante na estruturação das mudanças em andamento, tornando-se espaço privilegiado de produção e difusão de conteúdos críticos, além de local de associação e meio de legitimação (CAPPELLO, 2006; MIRANDA, 2012).

Por sua vez, as novas instituições de ensino autônomo de arquitetura – do Instituto Mackenzie e da Universidade de São Paulo, criadas em 1947

e 1948 respectivamente – se instalaram como locais de debate, dentro e fora das salas de aula, promovendo significativo alargamento local do número de profissionais, alterando o estilo de reflexão teórica, a produção e a própria ideia do fazer arquitetônico (BREIA, 2005; SODRÉ, 2010). Não menos importante, o departamento local do Instituto de Arquitetos do Brasil criado em 1943 – sobre o qual poderemos nos deter mais adiante – tornou-se uma instância agregadora e um instrumento de luta dos profissionais locais, até então unidos por fracos laços corporativos em entidades consideradas pouco representativas de suas ambições (DEDECCA, 2012).

Deste modo, um pequeno número de profissionais com uma estrutura de sociabilidade restrita e frágil ganhou tamanho e independência: construiu seus espaços, se fortaleceu e se organizou institucionalmente, discutiu as novas escolas e as tomou como espaço de embate e difusão, diversificou suas atividades editoriais e adensou suas movimentações críticas, legitimando-se paulatinamente no ambiente social paulista e brasileiro. É razoável afirmar que, aos poucos, tornou-se comum a essas instituições e aos seus membros boa parte dos esquemas de percepção, apreciação e expressão, em um momento de disputa e posterior estabilização da problemática moderna na vida cultural local. Em meio a uma série de recursos materiais e intelectuais, a determinadas opções oferecidas pela história da profissão, alguns arquitetos tinham intenções, compartilhavam valores e se inclinavam para o futuro de maneira semelhante, e, ainda que não sem conflitos, aproximavam-se na eleição de seus problemas e resoluções, organizando-se muitas vezes institucionalmente (SAIA, 1959).

A partir de meados dos anos de 1950, com o alargamento do campo disciplinar e do fortalecimento da autonomia da profissão do arquiteto, era possível perceber a formulação de uma crítica local relativamente independente, já capaz de tomar distância de alguns modelos de produção que antes eram tomados como argumento e estratégia para o estabelecimento de sua prática. Ainda que o movimentado meio arquitetônico destes anos não fosse exclusividade paulista, o entrelaçamento, a intensidade e a institucionalização de diversas iniciativas dão solo singular à produção local, crítica e projetual. De fato, o início de 1960 pontua um novo período na produção, difusão e recepção da arquitetura moderna brasileira, no qual ela, e

particularmente a sua representação de viés carioca, já não são mais vistas pela crítica, interna e externa, com o mesmo deslumbramento da década anterior e, simultaneamente, a produção paulista projeta-se de maneira gradual no cenário nacional, lida como uma alternativa às suas contradições e limites.

Neste sentido, podemos entender a presença institucional como uma característica fundamental deste meio profissional paulista e como um dos motivos para a relevância que ele assume no cenário arquitetônico brasileiro neste período. O entrelaçamento que muito frequentemente pode ser reconhecido no engajamento institucional de determinados profissionais – sem perder de vista o alcance das obras que individualmente produziram – pode ser entendido como uma das razões de terem alcançado posições mais privilegiadas entre seus pares. Se, por exemplo, listarmos as instituições, inseridas no círculo da arquitetura e da cultura, em que Artigas chegou a atuar ao longo desses anos – Fauusp, Instituto de Arquitetos do Brasil, Museu de Arte Moderna, conselho editorial da Revista *AD* – poderemos perceber claramente que esse é seu caso (BUZZAR, 2014; KAMITA; ARTIGAS, 2000; THOMAZ, 1997).

Eduardo Kneese de Mello, Rino Levi e Ícaro de Castro Mello são também bons exemplos deste padrão de inserção profissional, demonstrando que a trajetória de Artigas guarda muitos paralelismos e convergências com as de outros arquitetos próximos. Kneese atuou no MAM e no MASP, desempenhou papel fundamental na organização das exposições internacionais de arquitetura na Bienal local, lecionou no Mackenzie e na FAUUSP, compôs o corpo editorial da revista *Acrópole*, patrocinou a revista *Bem Estar*, publicou artigos e projetos em diversos meios, além de ter sido o primeiro presidente da seção local do IAB, onde atuou por um longo período (REGINO, 2011). Com dois dos escritórios mais produtivos da cidade, Rino e Ícaro tem atuação semelhante à de Kneese: o primeiro só não atuou na *Acrópole* e no Mackenzie; o segundo estava afastado dos institutos de cultura, aproximou-se somente do ensino da Fauusp e compôs outro conselho diretivo de revista, o da *AD- Arquitetura e Decoração*, ao lado de Artigas (ANELLI; GUERRA; KON, 2001; FICHER, 2005).

Não nos parece interessante entender esta atuação tentacular como fruto de coincidência ou aleatoriedade, ainda mais se considerarmos que nossos três exemplos são, talvez, ao lado de Artigas,

alguns dos arquitetos que alcançaram legitimação profissional destacada na cidade ao longo desses anos. Ao contrário, pode ser frutífero investigar o lugar que ocupam na trajetória dessas instituições em meio à concorrência entre as diversas categorias e grupos pela legitimidade profissional, entendendo-as como instâncias de distinção, visibilidade, consagração profissional, além de espaços de reprodução e conservação de esquemas de percepção (BOURDIEU, 1996). Em outro sentido, algumas dessas instituições ganhavam reconhecimento, projeção e espaço no campo profissional através de seus membros e, é importante notar, que no caso paulista, alguns desses espaços que inicialmente foram estabelecidos em uma posição marginal nas movimentações arquitetônicas locais, assumindo um posicionamento de embate e de rompimento com doutrinas estabelecidas, tornaram-se aos poucos o lugar de uma prática hegemônica, como o IAB ou a Fauusp.

Essa inserção do arquiteto em múltiplas instituições parece se revelar, portanto, como um dos traços característicos do meio profissional do período. O estudo do percurso de tais profissionais que fizeram a “ponte” entre instâncias amplas de produção e difusão arquitetônica da cidade, revela um diálogo de mão dupla entre a construção da história das entidades e das trajetórias individuais e sinaliza o alcance das transformações que estavam a ocorrer ao longo das décadas de 1940 e 1950, decorrentes, em larga medida, da introdução de novas maneiras de conceber e praticar a arquitetura.

Sem, evidentemente, retirar o mérito notório de sua produção projetual e crítica, nos parece razoável afirmar que a posição privilegiada conquistada por Artigas ao longo desses anos – considerado pela historiografia e por seus pares, protagonista central de uma produção local, muitas vezes alçada à categoria de escola (DEDECCA, 2013) – pode ser em parte explicada por sua colocação institucional ampla. Se olhadas deste ponto de vista historiográfico, algumas das facetas da atuação institucional de Artigas já foram melhor estudadas – como seu papel na Fauusp – e outras ainda permanecem de certo modo alheias à investigação acadêmica, como a sua inserção na Revista *AD – Arquitetura e Decoração*, (onde compõe o conselho editorial e publica alguns de seus textos mais contundentes), ou a sua intensa atividade no Instituto de Arquitetos do Brasil.

Pela inserção cultural do Instituto

¹ Os dados para elaboração deste artigo foram coletados nos boletins oficiais da seção local do Instituto, publicados de janeiro de 1954 a maio de 1959 na revista *Acrópole*, e separadamente após esta data até 1960.

² Não foi encontrada nenhuma menção sobre a presença de Artigas na Direção Nacional, nos Boletins pesquisados. “Eleições no IAB São Paulo”, Boletim Mensal do IAB-SP, 43, set. 1957; “1ª reunião do conselho superior do IAB”, Boletim Mensal do IAB-SP, 44, out. 1957.

³ “Notas sobre o IAB São Paulo”, Boletim Mensal do IAB-SP, 1, jan. 1954.

Figura 1: Artigas nas eleições da diretoria da seção paulista do IAB. Fonte: Boletim do IAB, 66, set. 1959, foto publicada sem crédito de autor e sem nomeação dos retratados.

Neste meio profissional em redefinição, o departamento paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil, criado em 1943, se tornou paulatinamente um espaço importante de agremiação e um dispositivo de embate de alguns profissionais locais, até então dispersos ou representados por entidades, consideradas por eles, pouco abertas ao acolhimento de seus interesses e perspectivas: o Instituto de Engenharia (1911), que apesar de sua seção de arquitetura mantinha um evidente predomínio politécnico, e o Instituto Paulista de Arquitetos (1930), liderado sobretudo por engenheiros-arquitetos de tendência acadêmica¹.

Tendo por finalidade estatutária a promoção cultural do grupo e a associação voluntária, a ampliação do corpo associativo do IAB local nos anos 1950 expressa, de um lado, o grande alargamento do meio profissional paulista – de 38 sócios em 1943, para 243 sócios em 1950 e, finalmente, 715 em 1960 – e, de outro, sua provável centralidade como principal órgão da classe no período, ainda que não representasse a totalidade dos arquitetos que atuavam na cidade (DURAND, 1972).

A partir da articulação entre Eduardo Kneese de Mello e os arquitetos cariocas reunidos ao redor da Direção Nacional do IAB, então sediada no Rio de Janeiro, um grupo de associados paulistas organizou uma delegacia local e elegeu uma diretoria provisória – composta por Kneese de Mello, presidente, Vilanova Artigas, Hélio Duarte, Oswaldo Correa Gonçalves e Aldo Ferreira – que comandou as atividades da entidade em São Paulo até 1947, quando ela começou a se renovar anualmente. Desde então, Artigas figurou na composição de chapas eleitas do departamento local na diretoria da gestão de 1957-1958 e na vice-presidência da gestão de 1959-1961. Além disso, foi membro entre 1957-1958 e suplente entre 1959-1961 do Conselho Superior do departamento nacional, nunca chegando aparentemente a ocupar posições de gestão direta no departamento central².

Se logo após a sua fundação, de maneira precária, a diretoria local se reunia nos escritórios de arquitetura dos próprios diretores, em 1944 o subsolo do edifício Esther – um dos marcos iniciais do modernismo arquitetônico paulista – foi alugado, pontuando o início das atividades sociais da entidade³. Em uma época de grande efervescência política e cultural na



região do centro novo, o salão do IAB logo se tornou ponto de encontro de intelectuais e artistas de toda a cidade, onde foram realizadas diversas exposições, audições musicais e recepções de personalidades estrangeiras (ARRUDA, 2001; GAMA, 1998).

Os primeiros eventos realizados por esta secção local, como o I Congresso Brasileiro de Arquitetos – que ocorre em 1945 –, são considerados marcos na afirmação dessa nova geração profissional atuante no país e simbolizam tanto um primeiro momento de união dos arquitetos paulistas em torno do IAB – local e nacional –, como a aproximação aos debates da arquitetura moderna e a constituição de um intercâmbio mais estreito com seus pares do Rio de Janeiro, que há pouco vinham assistindo com entusiasmo a enorme repercussão de que suas obras causavam nacional e internacionalmente⁴.

Foram as movimentações feitas em função do I Congresso que impulsionaram o movimento para construção da sede própria, antes “um sonho que parecia irrealizável”, superado pela “força de cooperação dos arquitetos paulistas” que o tornou possível⁵. Alguns contos de réis, recebidos pela cessão do subsolo do Edifício Esther para a Boate Oásis, foram suficientes para a aquisição do terreno na Rua Bento Freitas 306 onde seria construído o edifício, financiado pela Caixa Econômica Federal e projetado após um concurso interno realizado em 1946. No ano seguinte, Artigas afastou-se das atividades da entidade, pois uma bolsa de estudos recebida da Fundação Guggenheim lhe permitiu viajar pelos Estados Unidos ao longo deste ano.

No ano de seu retorno ao Brasil, 1948, duas importantes instituições são fundadas com o intenso envolvimento de Artigas e o apoio decisivo do IAB-SP – o Museu de Arte Moderna (MAM) e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (Fauusp) – acenando dois dos três principais eixos de atuação de Artigas no departamento paulista: a busca por uma inserção do IAB nas movimentações culturais da cidade e o interesse na formação profissional (ALBUQUERQUE, 2004; NASCIMENTO, 2003).

Em 1950, com a sede pronta e quitada após a venda das unidades e andares excedentes a arquitetos e amigos, incluindo Artigas, iniciou-se um novo ciclo de realizações de caráter social, almejando tornar-se um espaço importante para o debate profissional, além

de ponto ativo para o convívio cultural na cidade. Ao lado de salas ocupadas por profissionais como Alfredo Ernesto Becker, Ariosto Mila, Eduardo Kneese de Mello, Gastão Rachou Junior, Hélio Pasta, Ícaro de Castro Mello, João Clodomiro de Abreu, João Cacciola e Rino Levi, Artigas instalou seu escritório.

Merece destaque essa relação de vizinhança entre o terreno escolhido para a construção da nova sede, os espaços de trabalho de um grande número de arquitetos e uma enorme concentração de equipamentos culturais, como as organizações de cultura, os museus, bibliotecas, cinemas, teatros, livrarias e galerias que conferiram lastro material à produção cultural e arquitetônica e adensaram o debate, local e internacionalmente. Neste perímetro facilmente percorrido a pé, os bares, restaurantes e confeitarias que pontilhavam o centro novo se tornavam pontos de encontro com importante papel sociabilizador, reunindo jovens, estudantes, professores, intelectuais, artistas, políticos.

A perspectiva de inserção cultural do departamento foi uma das áreas de maior atuação de Artigas a partir de 1953, quando se tornou membro da Comissão Organizadora de Exposições Permanentes de Trabalhos de Arquitetos, buscando o estabelecimento do IAB-SP como centro de formação e informação arquitetônica e cultural na cidade. Com a criação da Comissão Artística em 1954, que se vinculou à Seção de Assuntos Externos em 1956, Artigas passou a ser responsável pela programação de cursos e exposições na sede, inicialmente ao lado de Francisco Beck e posteriormente, como presidente, ao lado de arquitetos como Leo Ribeiro de Moraes, Marcial Fleury de Oliveira, Luiz Saia, Eduardo Corona, Carlos Lodi, Lauro Birkholz, Wilson Rodrigues de Novaes, Alfredo Paesani, Livio Levi, Geraldo Hungria e Mario Lorenzetti⁶.

A tentativa de conformar uma unidade entre a classe, principal diretriz das diretorias da delegação local ao longo da década de 1950, estruturava-se, de um lado, na luta pelo estabelecimento de condições legais do exercício profissional, de prestígio dos arquitetos e de uma expressão política da categoria, e, de outro, em eventos de confraternização que buscavam estabelecer uma sociabilidade – entre a categoria e com a cidade – independente da pluralidade de pontos de vistas⁷. Assim, ao lado do debate sobre os rumos da produção arquitetônica

4 “O I Congresso Brasileiro de Arquitetura”, Acrópole, 81-82, jan.fev.1945.

5 “Sede do instituto de arquitetos do Brasil – departamento de São Paulo”, Acrópole, 121, 1948.

6 “Comissão Artística”, Boletim Mensal do IAB-SP, 12, dez.1954; “Notícias da Secretaria”, Boletim Mensal do IAB-SP, 32, out.1956.

7 “Relatório da diretoria 1955-1956”, Boletim Mensal do IAB-SP, 30, ago.1956.



Figura 2: Artigas em almoço rotineiro da secção paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil, que neste dia contava com a presença do convidado João Caetano Alvares Junior, secretário de obras do município de São Paulo. Fonte: Acrópole, 191, ago.1954.

e pela regulamentação da profissão, sobretudo em sua prática liberal, do estabelecimento do direito autoral, da consolidação de normas para a realização de concursos de arquitetura e da elaboração de um código de ética profissional, proliferam-se os eventos sociais, impulsionados pela nova sede.

Com ela, retoma-se a prática dos almoços semanais – que antes se realizavam no roof da gazeta ou no Hotel Excelsior –, organizam-se jantares dançantes, exposições, bailes de arquitetos, coquetéis para recepcionar recém-formados, sessões de projeção de filmes em acordo com a filmoteca do Museu de Arte Moderna⁸. Nestes momentos informais de contato, o IAB aprimorava seus laços com instituições com as quais compartilhava questões e perspectivas, sempre convidando personalidades – da administração pública, da universidade, de entidades culturais, etc. – e organizando curtos momentos de discurso, nos quais podia, aqui e ali, pontuar seu posicionamento em relação a diversos assuntos em pauta na cidade.

Inicialmente interessada em exposições de cunho artístico – que normalmente ocupavam seu salão

social, como a Exposição de Arquitetos Pintores de 1958 – a Comissão de Cultura encabeçada por Artigas passa posteriormente a organizar cursos que almejavam o “aprimoramento cultural” dos arquitetos e estudantes de arquitetura⁹ e buscavam trazer à sede do IAB o ambiente de debate e crítica em torno da profissão, que já era então percebido com força em outros círculos de discussão, de maneira estabelecer e consolidar o relacionamento da agremiação com outros setores profissionais¹⁰.

Pela formação e delimitação da profissão

É de fato interessante notar que tal redirecionamento da Comissão de Cultura dirigida por Artigas passa a dar prioridade, a partir de 1959, a cursos que, por sua duração e abordagem técnica, pareciam querer suprir conscientemente algumas deficiências do ensino formal de arquitetura da época, mais do que “aprimorar culturalmente” o arquiteto. O primeiro curso, de estruturas, ministrado por Carlos Vasconcelos da Politécnica da USP em 5 palestras, seria seguido pelo curso intensivo de planejamento,

⁸ “Almoço no IAB”, Boletim Mensal do IAB-SP, 8, ago.1954; “Almoço das quintas-feiras”, Boletim Mensal do IAB-SP, 19, set.1955.

⁹ “Notícias da Secretaria”, Boletim Mensal do IAB-SP, 44, out.1957.

¹⁰ “Departamento de Cultura do IAB”, Boletim Mensal do IAB-SP, 45, nov.1957.

11 "Curso de terminologia e iluminação promovido pelo IAB", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 73, mai.1960.

12 "O alcance a significação do curso intensivo de planejamento", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 66, set.1959. Outros tantos cursos, tais como o de Economia Moderna e História das Artes Plásticas, eram anunciados mas não temos indícios de sua efetiva realização.

13 "Notas sobre o IAB São Paulo", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 1, jan.1954. Como exemplo, ver também as edições 23 e 45 do *Boletim Mensal*.

14 "Notícias da Secretaria", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 21, nov.1955.

15 "Admissão em Faculdade de Arquitetura", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 23, jan.1956.

16 "Artistas de Domingo" no grêmio da faculdade de arquitetura e urbanismo", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 44, out.1957; "II Encontro de Estudantes e Arquitetos", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 73, mai.1960.

17 "J. Vilanova Artigas parainfou os alunos da FAU", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 60, fev.1959; "Discurso do Arquiteto Vilanova Artigas. Parainfo de turma", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 71, mar.1960.

18 "Recepção aos arquitetos recém formados de SP", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 61, mar.1959.

19 "NEDAB", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 7, jul.1954; "NEDAB", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 10, out.1954; "NEDAB - Relações com o IAB", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 12, dez.1954

20 "Arquitetura e Nacionalidade", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 13, jan.1954; "Um debate: ensino de arquitetura", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 15, abr.1955; "Pequena nota", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 17, jun.1955; "Jovens arquitetos paulistas, 1944-1954", *Boletim Mensal do IAB-SP*, 18, ago.1955.

iniciado junto à inauguração de uma exposição de Brasília, e pelo de terminologia e iluminação¹¹. Divulgados por meios de comunicação como o *Diário de São Paulo* e a *Folha da Manhã*, todos foram objeto de grande interesse entre arquitetos e estudantes, segundo notícias veiculadas pelo *Boletim Oficial do IAB-SP*, com grande número de inscrições e frequência¹².

Assim, as iniciativas de formação – escassas no início das atividades da entidade e centradas em algumas palestras e excursões culturais, possíveis pelo pequeno número de associados – foram ampliadas a partir da segunda metade da década de 1950, impulsionada pela maior aproximação da entidade com os diretórios acadêmicos das escolas de arquitetura – o *Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie (dafam)* e o *grêmio da Fauusp (gfau)* – combinando atividades de interesse comum e dando resposta à insatisfação recorrente do corpo discente com os conteúdos curriculares e suas faculdades¹³.

De fato, se as interlocuções formais entre o IAB e as instituições de ensino parecem não se estabelecer de maneira intensa neste período, ainda que boa parte de seus corpos docentes ocupassem também funções administrativas no Instituto, a frequência dos estudantes na sede parecem ter sido a principal ponte, ainda que informal, entre tais entidades. No IAB, se os alunos encontravam um ambiente capaz de fornecer-lhes não apenas facilidades de ordem material, como refeições a preços reduzidos e uma biblioteca recentemente organizada, mas também momentos de confraternização e participação das atividades de ordem cultural, em retorno, traziam um frescor para os debates estéticos e políticos que ganhavam corpo e frequência nos espaços da sede¹⁴. Além disso, devemos atentar para o fato de que muitos desses estudantes estagiavam no próprio edifício do IAB ou em suas cercanias.

Deste contato, os estudantes retornavam para a esfera da escola com toda a discussão que naquele momento se fazia em torno da profissão, revelando ainda, com isso, um descompasso do ensino frente às novas perspectivas de atuação, discussão que pautou a agenda de reivindicações estudantis durante praticamente toda a década de 1950 (DEDECCA; SODRÉ, 2012). Se o papel de Artigas no processo de reforma curricular da Fauusp já é

amplamente conhecido, a partir de sua atuação nos espaços do IAB-SP podemos perceber que ultrapassavam os limites de tal instituição, travando contato com outras entidades e inserindo o debate da reformulação do ensino em esferas mais amplas de decisão. É perceptível que aos poucos Artigas se projeta como referência no que tange os assuntos da formação do arquiteto, participando frequentemente de comissões, debates, congressos nacionais e internacionais, quase sempre como representante do IAB-SP.

Se Artigas atuava em instâncias formais de elaboração de diretrizes de ensino – por exemplo quando colabora com o parecer do IAB sobre o projeto de lei 474/1955, que definia a possibilidade de ingresso dos diplomados por escolas de Belas Artes nas Faculdades de Arquitetura, antes vetado por não atenderem a exigência do curso científico¹⁵ – também em atividades cotidianas, como júri de exposições estudantis ou palestrante em encontros universitários¹⁶, construía aos poucos uma ponte entre o IAB e os estudantes, sempre falando dos interesses de um nos espaços de discussão do outro¹⁷. Diversas vezes eleito como paraninfo, o que realça a sua ascendência sobre a nova geração, recepcionava os recém formados com coquetéis na sede do instituto, momentos nos quais também dedicava mais algumas palavras aos jovens arquitetos¹⁸.

O braço paulista do NEDAB – Núcleo de Estudo e Divulgação da Arquitetura Brasileira, criado em 1954 por estudantes e jovens arquitetos no Rio de Janeiro para contribuir com "o aprimoramento do nível cultural da classe" – parece ser um elo importante entre as gerações que orbitavam em torno do IAB local. Inicialmente criado como uma entidade independente, a ampliação de suas atividades acenava, no final de 1954, para o risco de desenvolvimento de uma entidade paralela, frente ao que se decide por sua integração ao Instituto, ainda que mantivesse sua autonomia e direção coletiva¹⁹. Convidado, Artigas participou frequentemente das atividades promovidas pelo grupo, tais como júri da primeira exposição "Jovens Arquitetos Paulistas (1944-1954)" em 1955, ou compondo mesas de debates, como os que discutiam "A influência da arquitetura europeia sobre a brasileira", realizado em 1954, e a "arquitetura e nacionalidade", realizado em 1955²⁰.



Figura 3: Artigas e Rosa Kliass, então membros do conselho diretor do IAB-SP, na inauguração da Exposição de Frank Loyd Wright e um grupo de participantes, incluindo numerosos estudantes de arquitetura. Fonte: Boletim do IAB, 68, nov.1959, sem créditos de autor.

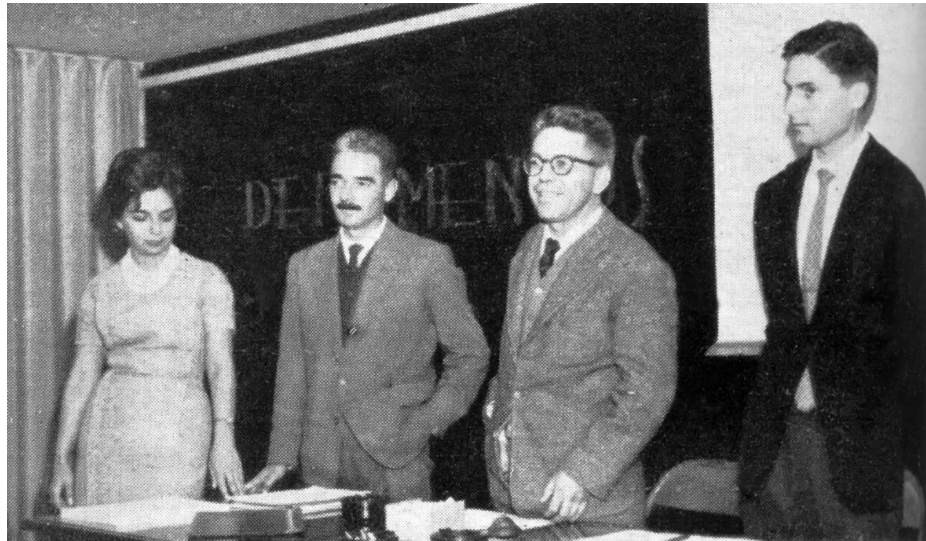


Figura 4: Artigas falando no encerramento do curso de Termologia e Iluminação, à sua esquerda o prof. Eustáquio de Toledo, responsável pelo curso e a arquiteta Marlene Picarelli, à direita o professor Jesus M. Dos Santos que falou em nome dos que fizeram o curso. Fonte: Boletim do IAB, 73, mai.1960, sem créditos de autor.



Figura 5: Debate organizado pelo NEDAB. Na mesa da esquerda para a direita: Eduardo Kneese de Mello, Eduardo Corona, Alberto Caldas, Vilanova Artigas, Rino Levi, Altino Ferreira das Neves, Flavio Motta e Jorge Wilhelm. Fonte: Brasil Arquitetura Contemporânea, 5, 1955, sem créditos de autor.

21 "Congresso de Associações de Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos", Boletim Mensal do IAB-SP, 67, set. 1959; "Entrevista de J. Vilanova Artigas", Boletim Mensal do IAB-SP, 67, set. 1959; "Relatório das atividades do conselho diretor do departamento de São Paulo do Instituto de Arquitetos do Brasil no Biênio 1959-1961", Boletim Mensal do IAB-SP, 76, jul. 1960.

22 "Manifestação do departamento de São Paulo sobre o anteprojeto de regulamentação", Boletim Mensal do IAB-SP, 69, jan. 1960.

Figura 6: Artigas, ao lado de Icaro de Castro Mello (direita) e outros arquitetos do IAB, acompanhando o programa inaugural da série "Arquitetos na TV", quando Luiz de Anhaia Melo foi convidado a fazer uma palestra sobre Arquitetura e Planejamento. Fonte: Boletim do IAB, 75, jun. 1961, sem créditos de autor.

Formação e regulamentação profissional eram pautas que caminhavam juntas na sua atuação na seção paulista, como de fato era de se esperar em um momento de conflito pela definição dos limites da atuação do novo arquiteto: ainda que a primeira definição legal brasileira das atribuições da profissão, de 1933, tenha servido para delimitar as fronteiras entre a atuação dos "diplomados" e a dos práticos licenciados e mestres de obras, atrelava-o ainda ao fazer politécnico, não estabelecendo uma visão distinta, social ou legal do arquiteto como um profissional específico e diferenciado do engenheiro, delegando-lhe somente como competência exclusiva o paisagismo, a grande decoração e as obras de caráter essencialmente artístico ou monumental (SANTOS, 2008).

A insatisfação com tal coincidência legal permaneceu durante todos os anos de 1950, foi central na luta dos arquitetos pela definição dos contornos de sua atuação no período e tornou-se a principal pauta da articulação política do IAB-SP. Nessa ampla negociação ao redor de uma regulamentação profissional autônoma a partir do diálogo institucional, Artigas passou a atuar de maneira intensa, sobretudo ao longo de 1959 e 1960 quando se

torna vice-presidente local e membro do Conselho Superior. Após ser representante da entidade no Congresso de Associações de Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos, realizado em 1959 justamente para tratar da delimitação de suas respectivas atribuições, declarou no Boletim a necessidade urgente da mudança da legislação em vigor, destacando o papel do IAB em tal negociação²¹.

No mesmo ano o anteprojeto de lei que revia as atribuições e a delimitação profissional – elaborado por uma comissão mista composta por Artigas, pelos arquitetos Ary Garcia Rosa e Jorge Machado Moreira, ao lado de engenheiros e agrônomos – era aclamado pela assembléia do IAB. O anteprojeto era visto pelos arquitetos como uma expressiva manifestação de unidade da categoria e uma inegável afirmação de independência assumida por eles face ao processo de desenvolvimento nacional, a partir da qual demonstravam uma compreensão clara do desenvolvimento político, econômico e social do país, vista como indispensável face à responsabilidade da profissão. Tratava-se de buscar uma legislação mais condizente com a importância dos trabalhos dos arquitetos no país e seus significados de cultura e independência criadora²².



A afirmação de um novo modo de atuação pro-fissional também fez da defesa dos concursos uma importante pauta, enquanto momentos cata-lizadores de um debate crítico e eventos significativos nos círculos arquitetônicos (LARSON, 1994). É sobretudo ao longo da década de 1950 que o debate pelo estabelecimento do concurso enquanto prática corrente se intensifica e o IAB dedica-se com intensidade ao problema, chegando a formular em 1952 o regulamento com as normas básicas pra sua realização. Em São Paulo, estado no qual as competições foram mais numerosas e cuja organização era quase sempre delegada ao departamento local do IAB, foram momentos singulares para o debate de propostas e para a legitimação de uma suposta identidade paulista. Seu júri, normalmente preenchido por profissionais que desenvolvem fortes vínculos com a instituição, passam a ser um espaço importante de afirmação e legitimação de ideais e profissionais. Não é de se estranhar que até o início dos anos de 1960, sempre figuravam no julgamento de tais certames arquitetos que compuseram uma “primeira geração do IAB”, os mesmos que haviam travado o embate pelo estabelecimento de uma arquitetura moderna na cidade. Artigas não é exceção, tendo sido con-vidado para julgar, por exemplo, as propostas para a Assembleia Legislativa de Minas Gerais e os anteprojetos para o Clube da Orla (FLYNN, 2000; LUCCAS, 2010).

Pela interlocução internacional

O terceiro eixo de atuação de Vilanova Artigas parece ser a colaboração com o estabelecimento e aprimoramento das relações internacionais da entidade. Se já nos anos de 1940, Artigas travava contatos estrangeiros através do IAB – tal como relembra as condições de sua participação na Excursão Internacional de Arquitetos pela Paz para o Congresso de Varsóvia, que daria início à fundação da União Internacional dos Arquitetos (AMARAL, 2006) – eles se intensificaram ao longo dos anos de 1950. A partir de 1959, passou a compor a comissão de Relações Internacionais, ao lado de Jorge Wilhelm, Joaquim Guedes e Eduardo Corona, cuja intenção era estabelecer laços mais profundos no plano profissional e cultural com as “nações irmãs latino-americanas”²³.

De fato, entre as décadas de 1940 e 1970, é possível reconhecer a emergência, nas instâncias de intercâmbio internacional sobre questões de arquitetura, de um diálogo atento aos problemas da

América Latina e às soluções encontradas por países vizinhos. A partir de uma interlocução estabelecida pelas agremiações profissionais, os arquitetos latino-americanos compartilharam, inicialmente em torno dos anos de 1940, uma discussão sobre a linguagem e o ideário modernizador – argumento, inclusive, de aglutinação entre os profissionais dos diversos países. Aos poucos, a partir da segunda metade da década de 1950 e toda a década seguinte, passaram a adotar uma nova agenda ao redor da função social do arquiteto, da reforma urbana, fundiária e habitacional e do desenvolvimentismo (ATIQUÊ, 2012; GOMES, 2009; GUTIÉRREZ; TARTARINI; STAGNO, 2007).

Ao longo do final dos anos de 1950 e toda a década de 1960, a preocupação com as identidades nacionais perde certa força e abre espaço para a construção de um discurso de identidade sul-americana e mesmo “subdesenvolvida” ou “terceiro-mundista” nas questões de arquitetura. Assim, longe da imagem de profissionais isolados pelas fronteiras, seria possível perceber uma certa ebulição continental, provocada por viagens regionais, visitas recíprocas, encontros e experiências comuns, que pareciam contribuir para discussões nas mais variadas esferas da arquitetura e do urbanismo. Neste momento, o IAB parecia estabelecer-se como espaço de representação de extrema importância dos arquitetos perante as demais instâncias de interlocução internacional, sendo variados os momentos de interlocução latino-americana, compondo assim uma espécie de rede que conectava os especialistas e debates emergentes.

Em 1960, diversas ações buscaram estreitar os laços com a Sociedad de Arquitectos Mexicanos e com o Colegio de Arquitectos de Cuba. Dentro de tais diretrizes, Artigas, de um lado, compôs uma comissão encarregada de atender ao pedido cubano que desejava contratar arquitetos paulistas para trabalho no país, sobretudo no projeto da Cidade Universitária de Santiago de Cuba²⁴. No mesmo ano, após assinatura de um acordo de cooperação e intercâmbio técnico-industrial entre os institutos brasileiros e mexicanos, foi designado como vice-presidente executivo do convênio e pronunciou-se na cerimônia de comemoração²⁵. É importante apontar que, como entre 1960 e 1970, a direção nacional do IAB é presidida por membros do departamento paulista, a documentação passa muitas vezes a não distinguir se tal ou qual atividade eram de iniciativa da secção local ou de âmbito nacional.

²³ “Relatório das atividades do conselho diretor do departamento de São Paulo do Instituto de Arquitetos do Brasil no Biênio 1959-1961”, Boletim Mensal do IAB-SP, 76, jul.1960.

²⁴ “Relatório das atividades do conselho diretor do departamento de São Paulo do Instituto de Arquitetos do Brasil no Biênio 1959-1961”, Boletim Mensal do IAB-SP, 76, jul.1960.

²⁵ “Convênio Mexicano-Brasileiro”, Boletim Mensal do IAB-SP, 73, mai.1960.

Os anos de 1960 marcam uma maior aproximação do IAB com a União Internacional de Arquitetos (UIA), passando a ser denominada como sua “seção brasileira”. No relatório da gestão local de 1959-1961, da qual Artigas foi vice-presidente, destacava-se como feitos a ampliação das relações internacionais do Brasil com a União Internacional de Arquitetos, com a Federação Pan Americana de Arquitetos e com entidades congêneres no exterior. Ainda que fosse pauta do departamento nacional, o relatório enumerava as ações da seção paulista para dar ideia da colaboração do departamento local: comparecimento com seus representantes nos diversos certames internacionais, participação nas comissões da UIA, tais como nas reuniões de Planejamento na Ilha Majorca, por Henrique Mindlin, de Exercício Profissional em Madrid, por Eduardo Corona, de Construções Esportivas em Roma, por Ícaro de Castro Mello, e de Saúde em Moscou, por Rino Levi²⁶.

Nos anos seguintes, entre 1962 e 1963, Artigas realizou diversas viagens ao exterior como representante do IAB na UIA, integrou a Comissão para Educação do Arquiteto em Praga em 1962, além de participar de seus congressos internacionais – de Havana em 1963 e de Praga em 1969. Trata-se de uma interlocução que se estendeu aos anos seguintes e se pautou sobretudo pela questão da formação profissional. Em 1970, em Zurique, fez pronunciamento sobre o papel do arquiteto, representando o IAB; em 1974 foi relator da tese brasileira “Contribuição para o Relatório sobre Ensino de Arquitetura” e, em 1975, foi representante da Comissão de Prática Profissional em Madri.

A escolha do Conselho Superior do IAB de indicar Artigas ao Prêmio Jean Tschumi da UIA, que resultou em sua premiação em 1972 por sua dedicação ao ensino de Arquitetura e Urbanismo, é simbólico do espaço que o arquiteto construiu entre seus pares. Ainda que já neste momento contasse com edifícios paradigmáticos, como o da Fausp, esse reconhecimento nacional e internacional, não decorria da validação de sua obra construída – o que acontece postumamente em 1985 com o Prêmio Auguste Perret –, mas lhe era outorgado por sua trajetória, majoritariamente institucional, dedicada à reformulação do ensino e, portanto, da prática, da arquitetura e do urbanismo.

Instituição e trajetória

É de se notar o fato de que as análises históricas das trajetórias profissionais dos arquitetos modernos paulistas dediquem ainda pouco relevo às suas inserções e interlocuções institucionais, evidentemente com exceções (LIRA, 2011; RUBINO, 2002; SILVA, 2010b). Pois, nos parece que não se trata somente de uma “lacuna”, mas de uma omissão que revela implicações no padrão de leitura e de narrativa histórica dos fatos arquitetônicos de nossa modernidade, sobretudo quando analisados a partir de um único indivíduo.

Não raramente as análises biográficas voltam quase todo o seu esforço para a narrativa do “projeto criador” do arquiteto, lhe outorgando plena constância, autossuficiência ou coerência. Tal trajetória, normalmente, é entendida como uma série única e em si suficiente de acontecimentos sucessivos sem outro elo que não a associação a um sujeito (BOURDIEU, 1996). Contudo, ao desvincular o percurso individual de seus espaços de sociabilidade e dos círculos sociais, sem entender seu modo de inserção social e os diferentes papéis que exerce nas instituições e espaços de promoção, produção e debate cultural e arquitetônico, não conseguimos percorrer o meio particular no qual o arquiteto pode se desenvolver profissionalmente, entendê-lo ao lado de outros profissionais, revelar quais ideias e modos de atuação compartilham, e o que lhes é, de fato, único, singular, individual.

Artigas fazia parte de um coletivo em processo de constituição. Aquilo que hoje se materializou em instituições, regulações legais para o exercício profissional e para o ensino, é produto de longos movimentos que se desenrolaram a partir de um panorama complexo e multideterminado. Ainda que sua criação projetual e potência crítica individual sejam inegáveis, buscamos com este artigo apontar outras possibilidades para o entendimento de sua trajetória se olhada a partir de sua inserção e movimentação no sistema arquitetônico moderno que se implanta na cidade e no Brasil a partir de 1940.

Evidentemente, o aprofundamento de tal tarefa analítica deve ser objeto de esforço mais amplo. Neste artigo buscamos de maneira breve ir além da mera relação informativa entre o entrelaçamento da atuação de Artigas com o IAB, inferindo uma

²⁶ “Relatório das atividades do conselho diretor do departamento de São Paulo do Instituto de Arquitetos do Brasil no Biênio 1959-1961”, Boletim Mensal do IAB-SP, 76, jul. 1960.

mínima relação de mão dupla entre sua trajetória e a história institucional da entidade, e buscando delinear pontos de apoio para futuras pesquisas mais detidas.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, R. P. *Uma Escola de Arquitetura – Fauusp, edifício e ensino*. São Paulo: Fauusp, 2004.
- AMARAL, A. *Textos do Trópico de Capricórnio: Modernismo, arte moderna e o compromisso com o lugar*. São Paulo: 34, 2006.
- ANELLI, R.; GUERRA, A.; KON, N. *Rino Levi. Arquitetura e Cidade*. São Paulo: Romano Guerra, 2001.
- ARRUDA, M. A. DO N. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX*. Bauru: EDUSC, 2001.
- ATIQUÊ, F. Profissão, estilo e causa: um olhar sobre os primeiros Congressos Pan-Americanos de Arquitetos. *Anais do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, 2012.
- BOURDIEU, P. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BREIA, M. T. S. E. *A transição do ensino da arquitetura Beaus-Arts para o ensino da arquitetura moderna na Faculdade de Arquitetura Mackenzie-1947-1965*. São Paulo: Universidade Mackenzie, 2005.
- BUZZAR, M. A. *João Batista Vilanova Artigas: elementos para a compreensão de um caminho da arquitetura brasileira, 1938-1967*. São Paulo: UNESP, 2014.
- CAPPELLO, M. B. C. *Arquitetura em revista: arquitetura moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960)*. 2005. 336p. São Paulo: Fauusp, 2006.
- DEDECCA, P. G. *Sociabilidade, crítica e posição: o meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo (1945-1965)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.
- DEDECCA, P. G. A idéia de uma identidade paulista na historiografia de arquitetura brasileira. *Revista Pós*, v. 32, p. 90–101, 2013.
- DEDECCA, P. G.; SODRÉ, J. C. DE A. Cultura e política nas publicações dos estudantes da FAUUSP, 1950-1972. In: LIRA, J. T. C. DE (Ed.). *História e Cultura Estudantil: revistas na USP*. São Paulo: EDUSP, 2012. p. 162–185.
- DURAND, J. C. G. *A profissão de arquiteto: estudo sociológico*. São Paulo: CREA-PINI, 1972.
- FICHER, S. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2005.
- FLYNN, M. H. DE M. B. *Concursos de Arquitetura no Brasil: 1850-2000*. São Paulo: Fauusp, 2000.
- GAMA, L. H. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950*. São Paulo: Senac, 1998.
- GOMES, M. A. (ED.). *Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- GUTIÉRREZ, R.; TARTARINI, J.; STAGNO, R. *Congressos Panamericanos de Arquitectos 1920-2000: aportes para su historia*. Buenos Aires: CEDODAL, 2007.
- HERBST JUNIOR, H. L. *Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais: expressões da arquitetura moderna brasileira expostas nas bienais paulistanas (1951-1959)*. São Paulo: Fauusp, 2007.
- KAMITA, J. M.; ARTIGAS, J. B. V. *Vilanova Artigas*. São Paulo: CosacNaify, 2000.
- LARSON, M. S. Architectural competitions as discursive events. *Theory and Society*, v. 23, n. 4, p. 469–504, 1994.
- LIRA, J. T. C. DE. *Warchavchik: fraturas da vanguarda*. São Paulo: CosacNaify, 2011.
- LOURENÇO, M. C. F. *Museus acolhem moderno*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- LUCCAS, L. H. H. O sul por testemunha: declínio da hegemonia corbusiano-carioca e ascensão da dissidência paulista na arquitetura brasileira anos 50. *Revista Pós*, n. 27, 2010.
- MIRANDA, C. L. A crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes. *Anais do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, 2012.
- MOTTA, R. V. *O MASP em Exposição: mostras periódicas na Sete de Abril*. São Paulo: Fauusp, 2003.
- NASCIMENTO, A. P. *MAM: Museu para a Metrópole*. São Paulo: Fauusp, 2003.
- REGINO, A. N. *Eduardo Kneese de Mello: do eclético ao moderno*. São Paulo: Fauusp, 2011.
- RUBINO, S. B. *Rotas da modernidade: trajetória, campo e história na atuação de Lina Bo Bardi, 1947-1968*. Campinas: Unicamp, 2002.
- SAIA, L. *Arquitetura Paulista. Diário de São Paulo*, 1959.
- SANTOS, R. E. DOS. *A armação do concreto no Brasil: história da difusão do sistema construtivo concreto armado e da construção de sua hegemonia*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- SILVA, J. M. DE C. E. De arquitetos-construtores a arquitetos liberais: a constituição do campo arquitetônico pela experiência de Jacques Pilon (1930-1960). *Memória, Trabalho e Arquitetura*, p. 1–22, 2010a.
- SILVA, J. M. DE C. E. *O arquiteto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960)*. São Paulo: Fauusp, 2010b.
- SODRÉ, J. C. DE A. *Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil (1938-1962)*. São Paulo: Fauusp, 2010.
- THOMAZ, D. E. *Um olhar sobre Vilanova Artigas e sua contribuição à arquitetura brasileira*. São Paulo: Fauusp, 1997.